



O Memorial da América Latina: parceiro da AICA e agora da ABCA. Foto: Divulgação

DESTAQUE

ABCA E MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA: MEMÓRIA, CRÍTICA E NOVOS HORIZONTES INSTITUCIONAIS

ALESSANDRA SIMÕES PAIVA,
PRESIDENTE DA ABCA 2025-2027

No dia 27 de janeiro deste ano, tive a alegria de formalizar um Protocolo de Intenções entre a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e a Fundação Memorial da América Latina, documento assinado por mim e pelo presidente do Memorial, Pedro Mastrobuono. Mais do que um acordo institucional, esse gesto representa um passo importante no processo de reposicionamento da crítica de arte brasileira em diálogo com o espaço público e com o pensamento cultural latino-americano.

A cerimônia de assinatura também contou com a presença de Gabriel Rutschka Weber (chefe de Gabinete da Fundação Memorial da América Latina), Roberto Bertani (diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina), Carla Cruz (Instituto Brasileiro de Museus/IBRAM), Alexandre Araujo Bispo (primeiro tesoureiro da ABCA), Emerson César Nascimento (conselheiro fiscal da ABCA) e Astrid Sampaio Façanha (assessora de imprensa da ABCA). Esta parceria não teria sido possível sem o apoio da museóloga Carla Cruz, do IBRAM, que me procurou durante

a Jornada da ABCA no ano passado. Desde então, mantivemos conversas ao longo de vários meses, o que permitiu amadurecer a ideia e estabelecer o contato com a equipe do Memorial.



Alessandra Simões e Pedro Mastrobuono assinam o protocolo de intenções. Foto: Katiuska Sales

Ao longo de seus mais de 75 anos de história, a ABCA reuniu um acervo de grande valor histórico, um patrimônio documental que testemunha momentos importantes da história da crítica

de arte no Brasil. Atas fundacionais, correspondências, publicações e documentos institucionais guardam vestígios importantes da atuação de críticos que marcaram o campo das artes no país. Hoje, um dos desafios que se colocam para a gestão da ABCA é justamente tornar essa memória mais acessível, ativa e partilhada, uma vez que parte significativa desse material se encontra atualmente acondicionada em uma empresa de *storage*.

É nesse contexto que a parceria com o Memorial da América Latina abre perspectivas muito promissoras. As ações deverão se consolidar paulatinamente a partir de um plano de trabalho que vem sendo construído entre as duas instituições. A possibilidade de contar com um espaço institucional no complexo do Memorial cria condições para que a ABCA desenvolva atividades públicas, encontros, seminários e projetos de pesquisa em diálogo com outras instituições culturais e acadêmicas. Ao mesmo tempo, abre-se um horizonte importante para o tratamento, a organização e a difusão de nosso acervo.

Mais do que uma solução logística, essa aproximação possui um significado simbólico profundo. O Memorial da América Latina foi concebido como espaço de reflexão, intercâmbio e integração cultural entre os países da região. A instituição também já tem uma parceria com a seção latino-americana da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), da qual a ABCA faz parte. É justamente nesse ambiente que imagino ser possível fortalecer redes de diálogo entre críticos, pesquisadores e instituições latino-americanas, ampliando a circulação de ideias e experiências que muitas vezes permanecem fragmentadas no interior de nossos próprios contextos nacionais.

Em minha perspectiva, essa iniciativa integra um movimento mais amplo de renovação institucional da ABCA. Nesse sentido, tenho participado de diversas frentes que vêm ajudando a promover importantes transformações. Tenho buscado ampliar o quadro de associados, acolher diferentes perfis de produção crítica e estimular debates que reflitam as transformações contemporâneas do

sistema da arte. Minha preocupação com questões de ordem política na ABCA não surgiu de forma repentina. Ela dialoga com um percurso que venho construindo nos últimos anos. Em 2020, organizei a Jornada da associação, realizada integralmente online durante a pandemia, contando com a participação de pesquisadores e críticos provenientes de contextos muitas vezes situados fora dos centros hegemônicos das artes, e profundamente vinculados aos debates étnico-raciais e de gênero nas artes visuais. Esse movimento também se articula às reflexões presentes em meu livro *A Virada Decolonial na Arte Brasileira*, no qual discuto justamente a emergência de novos horizontes críticos e epistemológicos no campo artístico.

Acredito que a crítica de arte, hoje, não pode se limitar a um exercício de julgamento ou interpretação formal. Ela deve participar também de discussões fundamentais sobre memória, patrimônio, circulação cultural e sobre os modos como diferentes vozes passam a ocupar os espaços. É nesse horizonte que se insere a criação

da Comissão da Pluralidade da ABCA, dedicada a refletir sobre questões de representatividade, visibilidade e transformações geopolíticas no campo das artes. No momento de criação da comissão, em 2021, havia apenas uma mulher negra na ABCA, a associada Alecsandra Matias, atualmente presidente da Regional Sudeste. Ela se engajou nos trâmites da Comissão e conseguimos reunir um coletivo muito comprometido com discussões e atividades efetivas.

Entre essas ações, destaco a revisão de algumas categorias do prêmio da ABCA, com a inclusão dos Prêmios Emanuel Araújo e Yeda Maria. Trata-se de um esforço coletivo, realizado em diálogo com diversos colegas da associação, para repensar os modos como a crítica também participa da construção de visibilidade no campo das artes. Não foi fácil, pois encontrei muita resistência às mudanças, mas elas vêm acontecendo, pois, como diria Caetano Veloso, é incrível a força que as coisas parecem ter, quando elas precisam acontecer. Hoje, podemos olhar para um quadro associativo



Vista da Biblioteca Latino-Americana. Foto: Katiuska Sales

que vem mudando: mais jovem (não apenas no sentido etário, mas de novas posturas profissionais), mais diversificado (hoje a Alecsandra não é a única mulher negra na ABCA) e geograficamente mais amplo.

Nesse sentido, acredito que minha presença na presidência da ABCA não é circunstancial. Ela está ligada a um compromisso político com a

ampliação das vozes que compõem o debate crítico no Brasil e na América Latina. Trata-se de reconhecer que a crítica de arte, ao mesmo tempo em que preserva sua memória, precisa também se abrir às transformações do presente e às urgências de um campo cultural cada vez mais plural.

Há também uma questão que sempre rondou minhas reflexões e que considero

central para o futuro da crítica: o problema da crescente financiarização da cultura e da arte no interior do capitalismo global contemporâneo. Em um sistema artístico cada vez mais atravessado por interesses econômicos, por disputas de mercado e por relações de poder vinculadas ao capital, a crítica muitas vezes se vê colocada sob suspeita ou relegada a um lugar secundário. Esse contexto tem contribuído para um certo descrédito da crítica, como se ela já não fosse capaz de operar como instância de reflexão autônoma diante de um campo permeado por interesses financeiros.

Destaco ainda um desdobramento dessa situação que me preocupa particularmente: a crescente precarização da própria carreira do crítico de arte, fenômeno que acompanha a precarização mais ampla dos trabalhadores da cultura - artistas, curadores, pesquisadores e tantos outros profissionais que sustentam o campo artístico. Em muitos casos, a atividade crítica continua sendo exercida em condições frágeis, com pouca remuneração, baixa institucionalização e escasso

reconhecimento profissional - o que contrasta de maneira quase paradoxal com um sistema da arte atravessado por cifras milionárias, grandes colecionadores, patrocinadores poderosos e instituições frequentemente

presididas por banqueiros ou agentes do mercado financeiro.

Nesse cenário, penso que o associativismo pode desempenhar um papel importante. Uma entidade como a Associação Brasileira de Críticos



A equipe presente na cerimônia de assinatura do protocolo. Da esq. para a dir.: Roberto Bertani (diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina); Gabriel Rutschka Weber (Chefe de Gabinete da Fundação Memorial da América Latina); Emerson César Nascimento (conselheiro fiscal ABCA); Astrid Sampaio Façanha (assessora de imprensa da ABCA); Alessandra Simões Paiva (presidente da ABCA); Pedro Machado Mastrobuono (presidente do Memorial); Alexandre Araujo Bispo (primeiro tesoureiro da ABCA); Carla Cruz (Instituto Brasileiro de Museus). Foto: Katiuska Sales

de Arte precisa também refletir sobre quais caminhos podem ser construídos coletivamente para fortalecer a atuação de seus membros. Entre as iniciativas que temos discutido está, por exemplo, o reconhecimento da carteira da ABCA para acesso gratuito a museus e instituições culturais, algo que já ocorre em diferentes contextos internacionais e que valorizaria simbolicamente a atividade crítica. Sabemos, contudo, que esses avanços não são simples. O orçamento da associação é bastante limitado, sustentado sobretudo pelas anuidades dos associados; e grande parte de nossas ações depende do trabalho voluntário de colegas que dedicam tempo e energia à manutenção da entidade.

Diante disto, a parceria com a Fundação Memorial da América Latina adquire um significado ainda mais amplo. O Memorial, que abriga a histórica Galeria Marta Traba, remete diretamente à tradição crítica latino-americana que sempre compreendeu a arte em relação estreita com as tensões políticas e culturais da região. Críticos como Marta Traba, Juan

Acha e Néstor García Canclini, entre tantos outros, pensaram a arte latino-americana justamente a partir dessas intersecções entre estética, política, economia e identidade cultural.

É nessa linhagem de pensamento que imagino situar os próximos passos da ABCA. Ao aproximar-se do Memorial da América Latina, a associação não apenas encontra um espaço institucional para suas atividades, mas se reconecta a uma tradição crítica continental que sempre compreendeu a arte como parte ativa das disputas simbólicas e políticas de nossas sociedades. O protocolo firmado com o Memorial da América Latina aponta, portanto, para um horizonte de trabalho coletivo. Nossa expectativa é que esse novo ciclo permita consolidar um espaço de encontro, reflexão e produção crítica que conecte a história da ABCA às urgências do presente e às possibilidades de futuro para a crítica de arte.

ALESSANDRA SIMÕES PAIVA

Crítica de arte na imprensa brasileira e internacional há mais de duas décadas, Alessandra Simões Paiva é atualmente presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Professora adjunta da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), também é autora do livro *A Virada Decolonial na Arte Brasileira* (Editora Mireveja, 2022). Integra também a Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), a Rede Europeia de Brazilianistas de Análise Cultural (REBRAC) e a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP).